

AS RELAÇÕES SOCIAIS E EDUCATIVAS NAS SOCIEDADES ORIGINÁRIAS DE ABYA YALA¹

SOCIAL AND EDUCATIONAL RELATIONSHIPS IN THE ORIGINARY SOCIETIES OF ABYA YALA

Jaílson Bonatti⁽¹⁾; Cláudia Battestin⁽²⁾

⁽¹⁾ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – (Brasil); ⁽²⁾ Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó (Brasil)

E-mail: jailson.1bio@gmail.com ⁽¹⁾; battestin@unochapeco.edu.br⁽²⁾

ID. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5098-8614>⁽¹⁾;

ID. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7871-9275>⁽²⁾

Recebido: 01/03/2023

Aceite: 02/06/2023

Publicado: 28/06/2023

RESUMO

O presente artigo tem a discussão entre o contexto histórico e cultural relativo ao processo de invasão e colonização vivido pelas culturas ancestrais de Abya Yala, assim como busca investigar as relações sociais e educativas nas sociedades originárias. Para isso, tomamos como recurso metodológico a investigação teórico-bibliográfica, explorando aspectos da formação do sujeito originário, nos quesitos que dizem respeito às hierarquias sociais, organização das sociedades, rituais e tradições. Dessa forma, podemos perceber que, antes do início da colonização de Abya Yala existiam povos, sociedades e relações sociais e educativas com características singulares. Ao investigar a história das culturas originárias, verificamos outros sentidos para a educação, podemos tecer reflexões e pensar uma educação para a diversidade que se encaminhe para a superação e emancipação da opressão projetada pelo sistema moderno colonial.

Palavras chave:

América Latina; colonização; educação; estudos culturais

Bonatti, Jaílson; Battestin, Cláudia (2023). As relações sociais e educativas nas sociedades originárias de Abya Yala. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 231-250. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27510>

ABSTRACT

This article has as its axis on discussion of the historical and cultural context related to the process of invasion and colonization experienced by the ancestral cultures of Abya Yala. For this, we take as a methodological resource the theoretical-bibliographic research, where aspects of the formation of the original subject related to the social hierarchies, organization of societies, rituals and traditions may be found. Therefore, we can see that, before the beginning of the colonization of Abya Yala, there were peoples, societies, and social and educational relationships with unique characteristics. When investigating the history of the original cultures, we verify other meanings for education, we can weave reflections and think about an education for diversity that leads to the overcoming and emancipation of the oppression projected by the modern colonial system.

Keywords:

colonization; cultural studies; education; Latin America

Introdução

O presente artigo² tem como discussão o contexto histórico, social e cultural relativo ao processo de invasão³ e colonização vivido pelas culturas ancestrais de Abya Yala⁴. A partir disso, buscamos em referências especializadas aspectos relativos à formação social, cultural e educativa das sociedades originárias.

Justificamos que é preciso compreender de maneira crítica o período colonial sem qualquer tipo de “romantismo”, de modo a reconhecer a existência de narrativas esquecidas, e que são escritas à margem da História Universal (Dussel, 1994).

Antes da colonização de Abya Yala existiam povos, sociedades e relações sociais e educativas altamente desenvolvidas, e com características singulares, sob as quais, sempre que retomadas, são seletivamente contadas a partir da chegada do europeu, ou imbricadas na narrativa de descobrimento do “Novo Mundo” pelo “Velho Mundo”.

Sobre esse conflito de narrativas, Enrique Dussel (1994) explicita que, a significação de “colonizado”, imposta aos povos de Abya Yala, é parte de um projeto de totalização das identidades. É preciso entender que a história, até então contada no tempo presente, fragmenta-se, divide-se e separa-se em diferentes períodos, dentre

os quais, não contempla todas as lutas e resistências, principalmente por ser narrada pelos que “venceram” e “conquistaram”.

Movidos por esses quesitos, falar sobre colonização e colonialismo implica reconhecer que muitos dos acontecimentos foram esquecidos, ocultados e apagados, ou seja, não deveriam ser (re)lembrados, devido ao fato de serem considerados, pelo discurso eurocêntrico, como uma história relativa a um passado primitivo, selvagem, bárbaro e inferior (Dussel, 1994).

Para Arboleda-Quiñonez (2018), a existência de um padrão de conformidade global, baseado na ideia de uma raça “superior” e outras “inferiores”, incide diretamente sobre a significação direta do colonialismo como sistema hegemônico e de opressão. Refletimos que essa forma das sociedades eurocêntricas se organizarem em torno de uma noção de superioridade, repercute no modo como a história foi e será contada, ou do modo como ela é ensinada/comunicada desde a invasão das “Américas”.

Logo, a história (re)produzida tende a marcar essas posições ontológicas, do ser dominado e do ser dominador. A consolidação dessas posições define, então, a distinção de modos de ser, estar e sentir a realidade.

Diante disso, podemos compreender que a história das “Américas” se inscreve em um discurso colonizador, e a realidade da historiografia teve influências das ideias e modos de compreender a realidade desde o ponto de vista europeu, enquanto modo totalitário e universal de conceber o mundo, assim como as relações políticas, econômicas, culturais e pedagógicas (Dussel, 1994; Quijano, 1992).

A educação está intimamente conectada com a produção de sentidos, valores e costumes de um povo, há que se ressaltar que é no movimento de ensinar/educar, possibilitado pelo diálogo, que compartilhamos com as pessoas, alguma sensação/experiência. A partir disso, entendemos em proximidade com Castro-Gomez (2007) que a Universidade do século XXI, possui como sistema epistemológico saberes provenientes da cultura científica reproduzida desde a Europa. Portanto, há que se pensar hoje como nós, educadores e investigadores, comprometidos com a superação deste sistema de opressão, poderemos fazer/criar/reproduzir desde a universidade, outros espaços de conhecimentos.

A educação entendida entre a linguagem escrita e a produção de seu sentido social, ainda divergem em concepções. Desde o senso comum, a educação pode ser entendida como os valores aprendidos na família, aquilo que é considerado certo/errado, isto é, com juízo de valores que dependem da cultura em que o núcleo familiar é gestado. Por outro lado, no espaço institucional da escola recebemos uma educação “lógica” ou “racional”, que se volta a desenvolver “habilidades” e “competências”.

Compreendemos que a partir dessas reflexões nosso objetivo de investigação é contribuir, pela ótica da história das culturas originárias, com outros sentidos para a educação, e com isso, teceremos possibilidades para pensar uma educação diferente, e que se encaminhe para a superação e emancipação da opressão projetada pelo sistema moderno colonial.

Método

A metodologia deste artigo é de natureza qualitativa com abordagem exploratória teórico-bibliográfica. Dessa maneira, a pesquisa teórico-bibliográfica caracteriza-se por permitir reflexões e teorizações que contribuem para o avanço das discussões em torno de um tema elencado de pesquisa (Souza Filho; Lima, 2021, p. 5).

Deste modo, “A leitura crítica e com cuidado possibilita o [sic] pesquisador selecionar investigação de soluções e compreensão, na exploração do material bibliográfico no intuito de justificar ou afirmar os dados do material estudado e a análise reflexão das obras consultadas. A leitura exploratória e seletiva colabora em uma rápida leitura para selecionar as obras relacionadas ao estudo do problema da pesquisa” (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p. 73).

Conduziu-se, então, uma investigação bibliográfica a partir da seleção de estudos antropológicos conduzidos por Ureña (1947), Bandelier (1966), Riva-Agüero (1966), Grube (2001), Ruelas (2001), Vob (2001), De la Garza (2012), Rinke (2012), León-Portilla (2015). Optamos pela escolha desses autores que realizaram pesquisas pioneiras, vinculadas a instituições de educação superior na América Latina e Europa. Com as obras selecionadas realizamos leituras exploratórias para identificar a presença de aspectos da formação do sujeito originário, nos quesitos que dizem respeito às hierarquias

sociais, organização das sociedades, rituais e tradições. Analisamos tais aspectos de modo a aproximá-los com a ideia de contribuir com a formação educativa no século XXI.

A partir de leituras e fichamento fomos construindo os resultados e tecendo reflexões com outros autores considerados pertinentes na elaboração deste estudo.

Resultados

O Desenvolvimento das comunidades na Mesoamérica

Tomando os elementos anteriores para balizar nossas reflexões para melhor conduzir o/a leitor/a, buscamos apresentar nesta parte da escrita aspectos históricos, sociais e culturais relacionados aos povos mesoamericanos, responsáveis pelo desenvolvimento de grandes sociedades anteriores à chegada do colonizador na Abya Yala. De acordo com Ruelas, essas culturas fundaram suas organizações sociais “[...] profundamente vinculadas a los productos de la tierra, y aplicadas en la incorporación de lo sagrado y lo espiritual, en sus bienes culturales” (2001, p. 18). Discussões como essa contribuem para fundamentar a presença de concepções de mundo que existiam no centro/sul do continente americano, que por muitas vezes não são referenciadas e lembradas por não fazerem parte do projeto monocultural do ocidente.

Movidos por esse pensar, acerca de como se produz a história e seus acontecimentos, observamos no livro *História da América Latina: das culturas pré-colombianas até o presente*, de Stefan Rinke (2012), importantes movimentos de organização e compreensão sistêmica do mundo da vida. O autor apresenta um conjunto de fatos históricos e arqueológicos das fundações populacionais de Abya Yala, as quais condizem com a presença de estruturas sociais, políticas e econômicas evidenciadas muito antes da implantação do projeto de colonização. Infelizmente a maioria das publicações históricas que retratam esse período, não evidenciam a presença das culturas, cosmovisões e sistemas educativos neste período, por isso a importância de revisitar essas narrativas e acontecimentos.

Ainda sobre as culturas Mesoamericanas, Stefan Rinke (2012) afirma que as primeiras comunidades que se desenvolveram no continente tinham como principal característica a coleta e caça de animais selvagens, e viveram durante a última era glacial por volta de 20.000 antes da Era Cristã. Entre os achados arqueológicos dessas comunidades é expressiva a presença de alguns instrumentos como machados e objetos de moer. Com o passar do tempo essas populações foram aperfeiçoando a capacidade de coletar vegetais, base de sua alimentação, e iniciaram o processo de cultivo. Esses achados evidenciam a larga existência dos povos originários nestes territórios.

Na então Abya Yala, os povos que marcaram presença social significativa, também estavam situados na região mesoamericana e nos andes peruanos. A exemplo dos achados na costa peruana destes sistemas complexos de agricultura, e em outras regiões como o México, Guatemala e região central dos Andes, observa-se também a presença da utilização de metalurgia, por meio da fundição e ligamento de alguns metais, todos esses processos já em constante elaboração por todo o segundo milênio antes da Era Cristã. Passo a passo, as populações originárias de Abya Yala foram constituindo sistemas complexos de sociedade, bem como de processos tecnológicos elaborados para facilitar a vida em comunidade. Por volta de 1.100 anos antes da Era Cristã a cultura de Chavín, por exemplo, localizada ao norte do Peru já apresentava estilos marcantes e influentes na elaboração da arquitetura e confecção de esculturas e, principalmente, de cerâmicas (Rinke, 2012)⁵.

Neste mesmo movimento investigativo, a historiadora mexicana De la Garza (2012) aponta que na região da Mesoamérica, a cultura Olmeca floresceu durante os anos de 1.800 anos antes da Era Cristã, apresentando um desenvolvimento agrícola com base na irrigação e produção de objetos de cerâmica que são exemplos de inovação para a época. O apogeu dessa cultura se deu com os povos denominados Maias durante os anos 500 e 900 depois da Era Cristã (Período Clássico), os quais construíram cidades e templos religiosos através de consistentes processos arquitetônicos, além de elaborarem um sistema organizacional de comércio.

A sociedade Maia construiu comunidades e grandes cidades em locais que hoje correspondem às Terras Baixas do Sul e litoral do

Pacífico e, também, na região de fronteira entre México e Guatemala, além de alguns sítios em Belice. No entanto, a cultura Maia se desenvolveu, principalmente, durante os anos de 250 depois da Era Cristã a 1.000 depois da Era Cristã, chamada de etapa Clássica, com predomínio da organização urbana teocrática e criação de políticas complexas de domínio, além de outra etapa denominada de Pós-Clássica até por volta de 1.500 anos depois da Era Cristã com importante domínio militar e político sobre outras cidades.

Para Ruelas (2001) a construção desses centros representou extensa agregação social, que permitiam às pessoas exercerem atividades relacionadas à administração em distintos setores da sociedade. A autora segue afirmando que essas especificidades marcaram diferenças dos grupos que desempenhavam funções relacionadas ao espaço urbano com grupos aldeados que viviam no campo ou atividades de produção econômica artesanal. Do mesmo modo que Ruelas (2001), Ávila (2017) nos provocam a pensar essa questão, pois a organização das grandes cidades Maias foi propiciada por estarem localizadas em espaços ecologicamente variados e adequados, o que resultou em uma diversidade agrícola abundante, com cultivo de cacau, feijão, abóbora e milho. Segundo o autor, tal condição ambiental corroborou na produção de excedentes agrícolas, permitindo aos Maias uma constante diferenciação em características econômicas, políticas e socioculturais.

Ao modo dos povos Maias e Astecas, os Incas também constituíram um dos pilares histórico-culturais em Abya Yala, desenvolvendo-se, sobretudo, a partir de diferentes culturas que os antecederam, principalmente os povos Tiahuanaco.

Por volta de 900 anos depois da Era Cristã algumas culturas, entre elas as de Chavín, Chamuí e Tiahuanaco, mesclaram-se nos Andes centrais, sendo o principal governo até os séculos XII e XIII depois da Era Cristã. A centralização do Estado nessa sociedade mostrava a influência que essas culturas tinham com outros povos, principalmente por se destacarem no sacrifício de prisioneiros de guerra em suas monumentais pirâmides cerimoniais (Rinke, 2012).

De acordo com Riva-Agüero (1966) a cultura Inca, praticava uma política de expansão territorial sobre outras comunidades, dominando regiões que hoje correspondem aos países de Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Argentina e Chile.

A capital localizada em Cusco, marcadamente, constitui-se num centro de enorme influência por vastas regiões andinas, sua estrutura de governo se baseava na figura de um líder central, o imperador, também chamado de Inca (Senhor das terras), que era tido como uma representação divina, ligada diretamente ao culto do deus Sol.

A organização social dos Incas estava baseada na divisão de diferentes classes, identificadas a partir de distintos símbolos, como as insígnias ou o modo de vestimenta. Nas classes superiores estavam o monarca e sua família, uma vez que, para os Incas a poligamia era algo natural, assim o imperador tinha vários relacionamentos e casamentos. Já os governantes locais, chamados de *curacas*, e suas famílias ascenderam a postos privilegiados de diferentes formas, a principal delas era por algum tipo de mérito. O povo comum trabalhava principalmente com a agricultura, e as terras eram repartidas entre os chefes de família, e deveriam ser cultivadas sem espaço para o ócio (Ureña, 1947).

Os aspectos da organização social e política na cultura Inca são elementos característicos que compõem um sistema complexo de relações, tendo em conta a relação intrínseca destes povos com práticas cosmológicas e ritualísticas com o espaço vivido e a espiritualidade. Nesta perspectiva, Callejas (2001) aborda alguns elementos educativos que estiveram presentes para manter a organização do *status quo* da sociedade Inca, que segundo ele a noção de formação se baseava em “[...] vivir y a ser persona, de sus formas para calmar sus necesidades, sus dolores, sus tristezas, de cómo festejaban la vida y sus alegrías [...]” (p. 46). Esses aspectos marcaram, primordialmente, uma concepção de educação e formação que se baseava nas relações sociais estabelecidas entre as pessoas, sendo fundante a noção de que a manutenção de diferentes funções na sociedade permanecia influente de um modo de se vincular com a comunidade e a natureza.

Destacando os elementos políticos, parte da influência territorial dos Maias estendeu-se sobre outras regiões, e o processo de formação de Estados foi visivelmente dominado pelas comunidades que desenvolveram organização política e econômica capazes de controlar as relações comerciais. Sobretudo, os Maias

desenvolveram o exercício de poder por meio de controle burocrático dos processos de troca-venda de bens e atividades (Ruelas, 2001).

Contudo, a sociedade Maia, sucumbiu ao desaparecimento por volta do século X depois da Era Cristã, evidenciando um decaimento das práticas culturais e políticas nas grandes cidades com a queda dos domínios dos grandes governantes, diminuindo de forma significativa a população, levando ao abandono das cidades. De acordo com Garza, existem vários motivos para esse processo, mas ela destaca alguns como a “[...] sobrepoblación, crisis agrícolas, ruptura del equilibrio ecológico, hambrunas y desnutrición [...]” (2012, p. 17), consequências essas que levaram ao agravamento dos conflitos políticos.

Durante o mesmo período em que o povo Maia atingiu o seu apogeu político-econômico e cultural, nos altos vales do México, por volta do ano de 200 antes da Era Cristã duas cidades-estados, Teotihuacán e Cuicuilco, disputavam poder para influenciar toda a região, embora somente a primeira deteve o poderio, e durante os anos de 200 e 600 depois da Era Cristã viveu seu pico populacional, com cerca de 200 mil habitantes. Sua principal característica era o fato de possuir imensas pirâmides com finalidade religiosa, além disso deteve grande relevância nos aspectos econômicos e políticos, “[...] dominando a região mesoamericana e construindo colônias e postos militares ao longo das principais vias de comércio” (Rinke, 2012, p. 18).

O desenvolvimento da agricultura na civilização Maia foi fundamental, pois suas culturas anteriores foram capazes de domesticar plantas e aumentar o incremento de alimentos com maiores valores nutricionais para substituir a caça e a vida nômade. Neste sentido, Kennett et al. (2020) afirmam que o milho foi domesticado por culturas que precederam os Maias, por volta de 10.000 anos antes da Era Cristã, sendo que durante 4.700 e 4.000 anos antes da Era Cristã essa planta constituía um alimento essencial. Portanto, o cultivo de milho, além de outras plantas, foi um dos elementos que conduziram a sociedade Maia a estágios de organização complexos, à medida que produziam e trocavam seus excedentes com outras comunidades, repercutindo assim na organização social, política e econômica de suas cidades.

É possível observar o quanto a agricultura tinha centralidade na organização social e econômica, pois dela advinha o sustento para a população que residia nos centros urbanos e religiosos da sociedade Asteca. Nesses fenômenos do modo agrícola, residia um conjunto de conhecimentos e práticas que contribuíram para a organização da agricultura. De acordo com Bandelier (1966) os aldeões que cuidavam dos afazeres de cultivo na produção de alimentos usavam ferramentas feitas de ferro, além de domesticar cavalos e mulas para compensar o trabalho humano nas plantações.

Importante destacar que, com a expansão da civilização, os Maias constituíram um extenso desenvolvimento por aproximadamente 3.400 anos, expandindo seus domínios para regiões como: *Kaminaljuyú, Tikal, Uaxactún, Piedras Negras e Quiriguá* na Guatemala; *Copán* em Honduras; *Palenque, Yaxchilán, Toniná, Bonampak, Calakmul* no México; *Dzibanché, Edzná, Becán, Río Bec, Jaina, Uxmal, Kabah, Sayl, Ek' Balam, Xcambó e Chichén Itzá* no norte da península de Yucatán (De la Garza, 2012).

Além da influência da agricultura na organização dos povos, podemos destacar a influência da religiosidade na cultura Asteca. Na cosmovisão asteca, os deuses realizaram o ato de se sacrificarem para criar o ser humano, e com isso as pessoas retribuíam esse favor realizando o ato de sacrifício humano de modo a “alimentar” os deuses e dar-lhes uma vida imortal (Ureña, 1947). Por exemplo, o deus Sol de nome *Huitzilopochtli*, que nasce, luta e morre todos os dias, segundo a mitologia asteca, necessitava de uma “[...] *sustancia mágica que se encuentra en la sangre del hombre*” (Ureña, 1947. p. 17) para manter sua vida divina e imortal.

De acordo com o autor Orozco y Berra (1977), os soberanos tinham grande importância frente ao império Asteca, logo abaixo deles estavam subordinados os chefes de exército, sacerdotes e o povo comum. O autor segue afirmando que apesar dessas distintas classes, conforme o império assimilava outras comunidades, novos elementos da organização social eram adicionados, introduzindo diferenças aparentes na redefinição destas classes.

A forma como as sociedades originárias de Abya Yala se organizavam, foi determinante para o funcionamento e sobrevivência das populações. Os grupos hierarquizados, com funções distintas, garantiam o abastecimento dos alimentos para a cidade, também, as

funções religiosas, rituais e a relação estreita com o universo, ampliava o conhecimento para garantir a sobrevivência das populações.

Escrita e calendário

Um dos movimentos que foi responsável pela permanência e sobrevivência dos povos de Abya Yala por séculos, foi o conhecimento do calendário e da escrita. Os Maias, por exemplo, elaboraram uma extensa escrita em forma de hieróglifos, o que levou ao desenvolvimento de capacidades científicas na área da astronomia, matemática e cronologia. Embora esses conhecimentos lidos a partir da concepção da ciência ocidental, eram na realidade formas específicas destes povos se relacionarem com as práticas sagradas, mesclando conhecimentos com os movimentos dos astros e com aspectos religiosos. (De la Garza, 2012).

As escritas Maias representam a aglutinação de diferentes aspectos cosmológicos, inclusive a compreensão de mundo para essa sociedade estava no entorno da aproximação estética da natureza com sua escrita. A representação do mundo Maia (histórias, mitos, crenças, etc.) em hieróglifos derivava de algumas concepções cosmológicas mágicas e animistas, em que, os objetos e a presença da natureza possuíam forças internas capazes de torná-los participantes da vida em comunidade. Dentro dessa compreensão, os seres humanos como principais povoadores do ambiente natural, necessitavam reverenciar e alimentar suas deidades, de modo que esse ato repercutiu em formas de ensino às novas gerações, um aspecto peculiar que demonstra a necessidade de poder articular a continuidade desse equilíbrio entre ser humano e mundo natural desde um aspecto educativo (Ruelas, 2001).

A escrita também esteve bastante próxima da formulação do conceito de tempo, sendo que a temporalidade para os Maias tinha um lugar central em sua cosmologia, pois dela dependiam as relações religiosas com suas divindades, bem como, com as atividades físicas de produção material. Neste contexto, a figura do sacerdote, enquanto um detentor dos conhecimentos do tempo e suas etapas, ensinava que a presença humana e da comunidade dependia da estreita relação com o tempo. Na concepção Maia esse conceito não era linear, mas se baseava na ideia de que o tempo era cíclico, onde

passado, presente e futuro ocupavam posições próximas (Ruelas, 2001).

Para citarmos um exemplo, a elaboração dos calendários Maias levava em conta conhecimentos aprofundados em matemática e astronomia. A mescla entre crenças culturais com a aproximação dos conhecimentos, representava a materialização do decorrer da história cosmológica Maia, produzindo a definição de datas cerimoniais, presença de eventos que marcariam diferentes rupturas entre passado, presente e futuro. Essas características, para Vob (2001), «[...] estaban en condiciones de calcular con anticipación acontecimientos importantes y también de concretar qué omnipresente ser sobrenatural dominaría una fecha determinada con sus atributos positivos o negativos. Los pronósticos permitían a los sacerdotes del calendario, los *aj k'inob* (literalmente: "señores de los Días"), preparar las ceremonias con las que pretendían influir positivamente en la acción de las fuerzas sobrenaturales sobre los individuos y sobre la vida comunitaria» (p. 130, grifo do autor).

Esses elementos indicam como, a sociedade dos Maias, era capaz de articular a escrita com processos em torno de sua percepção do mundo, da ideia de tempo e de, por exemplo, reconhecer a existência do conceito de zero antes que os Gregos. Essas características representam um campo epistemológico ainda desconhecido em muitos sistemas de ensino ibérico-latinos, fazendo-nos reconhecê-la como um dos grandes pilares históricos das sociedades humanas, e que deteve por muito tempo peculiaridades formativas de concepção de mundo que são preservadas até o momento por seus descendentes. Contudo, grande parte dos testemunhos escritos pelos Maias foram destruídos quando os colonizadores invadiram e tomaram posse das cidades, muitos outros se perderam com o desgaste físico-químico ocasionado pela passagem do tempo (Grube, 2001).

A função das escolas: os espaços de formação social e cultural na sociedade Inca e Asteca

Na sociedade Inca a primeira instância de educação gestada na família não era a única, logo que a criança se tornava adolescente, era direcionada aos centros de ensino administrados pelos sacerdotes. De acordo com León-Portilla (2015) existiam dois tipos

de “escolas”, a primeira chamada de *calmécac*, onde os estudos estavam direcionados à formação intelectual de futuros sacerdotes. Nos espaços *calmécac* onde se difundia os estudos superiores, os *tlamatinime* (sacerdotes) se incumbiam da função de repassar ao *momachtique* (estudante) diferentes aspectos do conhecimento como, por exemplo, a astronomia, história, jurisdição, medicina e música, além de desenvolverem o ensino sobre retórica. Os sacerdotes eram reconhecidos pelo seu exímio domínio sobre a arte da palavra, sendo muito respeitados pela sua sabedoria, pois detinham “[...] el difícil arte de expresar el pensamiento con el matiz adecuado y la metáfora que abre el camino a la comprensión” (León-Portilla, 2015, p. 101).

O segundo tipo de escola era a *telpochcalli*, organizada para difundir conhecimentos populares relacionados às tradições, e onde os jovens eram preparados para se tornarem guerreiros. Nesses espaços, a grande maioria dos jovens ascendia de classes populares da sociedade Asteca, contudo nada impedia que os jovens oriundos das classes populares entrassem no *calmécac*.

No tocante a característica primordial dos estudos e a importância da formação cultural para os astecas, León-Portilla (2015), nos diz que os sacerdotes possuíam como princípio aperfeiçoar quanto mais fosse possível a consciência das futuras gerações. Dentro dessa perspectiva, os aspectos fundamentais estavam direcionados a “[...] sabiduría a los rostros y firmeza a los corazones” (León-Portilla, 2015, p. 94). Condensado nessa ideia de rosto e coração, a formação estava centralizada para seguir esses princípios, pois os mesmos advinham da necessidade de retomar os ensinamentos presentes nas escrituras sagradas desses povos, consolidando dessa forma a permanência das estruturas socioculturais.

Para operar essa extensa e diversa rede social, os astecas precisaram desenvolver sistemas complexos de ensino com formação específica e popular para toda a sociedade. Os mesmos detinham amplos conhecimentos em áreas como a astronomia, literatura e retórica. Os conhecimentos chamados de *tlacahuapahualiztli*, que significa a arte de educar e criar os seres humanos, era ministrado por sacerdotes em centros de ensino nas cidades Astecas, tendo como princípio “[...] la incorporación de los

nuevos seres humanos a la vida y objetivos supremos de la comunidad [...]” (León-Portilla, 2015, p. 81). Segundo León-Portilla (2015) a primeira etapa de educação era responsabilidade dos pais, os quais ensinavam seus filhos os fazeres relacionados à vida doméstica, além de aconselhá-los sobre os valores morais e, principalmente, sobre as crenças e tradições da comunidade.

Noções de educação

Para Callejas (2001), existiam duas noções de educação, uma orientada às práticas naturais, características das atividades artesanais e da agricultura e outra que se vinculava dentro de uma perspectiva institucional. A formação desenvolvida para preparar os jovens ao desempenho de atividades práticas, era introduzida em espaços que não possuíam propriamente uma característica institucional. A educação ministrada nesses espaços estava distribuída em diferentes cidades que estavam sob domínio da capital *Tawantinsuyu*. Na capital a formação institucional estava destinada principalmente no espaço conhecido como *yachayhuasis* ou casas do saber.

A imagem dos educadores para os Incas dependia muito das funções que esses desempenhavam, tanto social como institucional, imbuídos, necessariamente, da função de iniciar as pessoas a integrarem-se no processo vital da sociedade. No tocante a isso Callejas (2001, p. 50) apresenta que “El saber como abstracción filosófica, moral práctica y creación literaria estaba a cargo de los Amautas, hombres sabios que representaban el saber superior de la cultura Inca. El Amauta, yachachij (el que enseña), como dominador del repertorio cognitivo de la sociedad Inca, constituía el centro de la cultura, alrededor de su persona se desarrollaba la totalidad de la actividad instructiva del Tawantinsuyu. El Amauta además de difusor del saber era un cultivador de la ciencia vernácula, especialmente de aquellas parcelas de la vida relacionadas con el buen comportamiento, el gobierno y convivencia social”.

A figura do *amauta* preparava os governantes e demais pessoas pertencentes às classes superiores da sociedade para o conhecimento das leis e costumes. Também ensinavam às demais classes o modo como deveriam seguir as leis, e, principalmente, obedecer ao Senhor Inca e aos deuses. Outro grupo de educadores,

chamados de *harávecs*, eram os comunicadores da cultura da civilização inca, de acordo com Callejas (2001) seus ensinamentos estavam pautados no conhecimento da poesia e cantos para rituais festivos. Nesses espaços comuns de festividades, os *harávecs* apresentavam informações históricas da constituição da governança do imperador, assim como, feitos memoráveis das guerras. Importante ressaltar que a formação militar também compunha um aspecto da educação inca, pois estava intimamente ligada às manifestações culturais da sociedade, uma vez que o serviço militar era preponderante para que o Senhor Inca configurasse sua legitimidade na dominação de comunidades sobre sua governabilidade.

Outro elemento que se destaca da educação nessa sociedade eram os *kipucamáyoc*, pessoas responsáveis por interpretar as mensagens confeccionadas em cordões de tecido mnemotécnicos, chamados de *kipus*. A organização da comunicação das estatísticas econômicas, bem como, das informações de diferentes comunidades sob o domínio do império, dependia do conhecimento matemático, aritmético e histórico dos *kipucamáyoc* (Callejas, 2001).

A comunicação era um aspecto principal, pois dela dependiam as informações administrativas de um vasto império, desta forma, os *kipucamáyoc* possuíam um destaque como pessoas de profundo saber no manejo dos *kipus*. Muito embora, a atividade de levar a comunicação de um lugar para o outro dependia, exclusivamente, dos *chasquis*, pessoas incumbidas de percorrer longas distâncias em curto período de tempo, permitindo uma eficiência significativa na comunicação entre as comunidades (Callejas, 2001).

Todos esses elementos e diferenciações de perspectivas de formação na sociedade Inca, apresentam uma particularidade essencial destes povos, uma vez que, toda a organização social, política e cultural dependia das diferentes concepções educativas.

Nesse âmbito, é importante salientar que concepções e formas singulares de educação estiveram presentes nos sistemas organizacionais das sociedades antes da chegada dos projetos de colonização. Todos esses processos elencados na escrita, contribuíram e influenciaram diretamente na manutenção das estruturas econômicas, nas práticas culturais, agrícolas e

principalmente nas cosmovisões dos povos de Abya Yala que resistiram por séculos às mazelas do colonizador.

Discussão

O estudo destas bibliografias históricas que nos contam sobre modos de vida, culturas e sociedades pré-latino-americanas são importantes para valorizar, reconhecer e evidenciar que a produção material, artística, intelectual, política, econômica e militar, representou um caminho da história que foi esquecido, inclusive pouco retomado na educação contemporânea de Abya Yala. Conforme Dussel (1994), esse movimento de estudo leva-nos a desconstruir as narrativas ocidentais que primam apenas pelo desenvolvimento e notoriedade dadas ao cânone de pensamento e reflexão eurocêntrica.

Por outro lado, entendemos que todos esses aspectos aludem a uma necessidade de pensar como a realidade vivida por esses povos, mesclavam-se com aspectos cosmológicos, condensados em formas específicas de crenças, articulando sistemas de pensamento capazes de valorizar a vida como um mistério governado por energias internas, presentes tanto nos sujeitos como nos objetos. Essa compreensão era ensinada na comunidade, de modo que cada pessoa tivesse a oportunidade de realizar práticas subjetivas de aproximação com o mundo natural. Importante destacar que esse princípio explicava diferentes percepções de tempo, como por exemplo, definição de épocas para plantio, colheitas e realização de rituais.

Essas culturas relegaram representativas características históricas e socioculturais em Abya Yala, reverberando até o presente momento na identidade cultural originária de muitas comunidades. Foram sociedades altamente desenvolvidas e marcaram, também, um dos pilares principais da história dos seres humanos neste mundo.

Conclusão

A partir da exploração qualitativa logramos alcançar respostas provisórias ao que nos propomos apresentar, a qual lançou olhares sobre a investigação da história das culturas originárias,

apresentando outros sentidos para a educação, e com isso, tecendo reflexões para pensar uma educação diferente, e que se encaminhe para a superação e emancipação da opressão projetada pelo sistema moderno colonial. A abordagem teórico-bibliográfica, por meio de uma leitura crítica, permitiu a exposição de resultados neste trabalho, os quais podem possibilitar a mediação de novos problemas de pesquisa ou de abordagens teóricas.

Finalizar implica em fechar um ciclo, no entanto, consideramos um momento de pausa, de reflexão, a fim de abrirmos possibilidades de investigações que se debruçam sobre estudos que podem avançar a partir dos seguintes desdobramentos:

- 1) Análise e leituras reflexivas sobre aspectos cosmológicos, sociais, políticos e educativos que estejam além dos métodos teóricos e reflexivos ensinados desde a experiência histórica eurocêntrica.
- 2) Propor para o debate acadêmico o pensamento decolonial como forma de explorar sentidos epistemológicos que valorizem a diversidade de experiências socioculturais de Abya Yala.
- 3) Aprofundar a crítica às posturas modernas de educação.

Retomar esses elementos são primordiais no tocante a preservação, salvaguarda e reelaborações de conhecimentos ancestrais que podem contribuir de distintas maneiras, principalmente no campo da educação, para de alguma forma valorizarmos outros sentidos de relação com o mundo e com a natureza. As cosmovisões são importantes e devem ser respeitadas.

Referências

Arboleda-Quiñonez, S. (2018). Etnoeducación, etnización afrocolombiana y forcejeos decoloniales. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, 14, 187-203.

Ávila, C. F. D. (2017). Origem e transformações do estado e da sociedade na América Latina: Apontamentos sobre o cânone maia. *Hegemonia*, Brasília, 22, 127-156.

Bandelier, A. F. (1966). Sobre la organización social y formas de gobierno de los antiguos mexicanos (Trad. Olmeda, M., incluida como apéndice en el libro *El desarrollo de la sociedad mexicana*, vol. 1, México, 1966). En León-Portilla, M. *Antología. De Teotihuacán a los aztecas fuentes*

Bonatti, Jaílson; Battestin, Cláudia (2023). As relações sociais e educativas nas sociedades originárias de Abya Yala. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 231-250. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27510>

e *interpretaciones históricas*. México D. F. (México): Instituto de Investigaciones Históricas (pp. 309-317). Disponível em: http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/teotihuacan_aztecas/132.html. Acesso em: 11 de jun. de 2020.

Callejas, G. V. (2001). Memorias de los Andes: notas sobre la educación en la cultura Inca. *Sarmiento*, 5, 45-64.

Castro-Gómez, S. (2007). Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes En Castro-Gômes, S.; Grosfoguel, R. (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 79-91). Bogotá (Colombia): Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar.

Chakaruna – Abya Yala sem fronteiras. Entre América e Abya Yala (2009). Disponível em: <http://hernehunter.blogspot.com/2009/07/entre-america-e-abya-yala.html>. Acesso em: 23 mai. 2021.

De la Garza, M. (2012). *El legado escrito de los mayas*. México D. F. (México): Fondo de Cultura Económica.

Dussel, E. (1994). *1492 el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. La Paz (Bolivia): Plural editores.

Grube, N. (2001). La escritura jeroglífica: la puerta de la historia. En Grube, N. (Org.) *Los mayas: una civilización milenaria* (pp. 114-127). Colonia (Alemania): Könemann.

Kennett, D. J.; Prufer, K. M.; Culleton, B. J.; George, R. J.; Robinson, M.; Trask, W. R.; Buckley, G. M.; Moes, E.; Kate, E. J.; Harper, T. K.; O'Donnell, L.; Ray, E. E.; Hill, E. C.; Alsgaard, A.; Merriman, Ch.; Meredith, C.; Edgar, H. J. H.; Awe, J. J.; Gutiérrez, S. M. (2020). Early isotopic evidence for maize as a staple grain in the Americas. *Science Advances*, 6, 1-11.

León-Portilla (2015). *El México antiguo en la historia universal*. México D. F. (México): Secretaría de Educación del Gobierno del Estado de México.

Orozco y Berra, M. (1977) (2ª ed.). Historia antigua y de la conquista de México. En León-Portilla, M. (Coord.) *Antología. De Teotihuacán a los aztecas Fuentes e interpretaciones históricas* (pp. 299-308). México D. F. (México): Instituto de Investigaciones Históricas. Disponível em: http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/teotihuacan_aztecas/132.html. Acesso em: 11 de jun. de 2020.

Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/razionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11-20.

Rinke, S. (2012). História da América Latina: das culturas pré-colombinas até o presente (Trad. da Rocha, F. M.). Porto Alegre (Brasil): EDIPUCRS.

Riva-Agüero, J. de la. (1966). *Las civilizaciones primitivas y el imperio incaico*. Lima (Perú): Pontificia Universidad Católica del Perú.

Bonatti, Jaílson; Battestin, Cláudia (2023). As relações sociais e educativas nas sociedades originárias de Abya Yala. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 21, 2023, 231-250. ISSN: 2182-018X
DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27510>

Ruelas, S. M. S. (2001). *Análisis semiótico de la forma arbórea en el Códice de Dresde* (1ª ed.). México D. F. (México): Dirección General de Estudios de Posgrado.

Sousa, A. S. De; Oliveira, G. S. De; Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 64-83.

Souza Filho, J. A.; Lima, A. F. (2021). Relatos de uma pesquisa teórico-bibliográfica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-13.

Ureña, P. H. (1947). *Historia de la cultura en la América hispanica*. (1ª ed.). México D. F. (México): Fondo de Cultura Económica.

Vob, A. W. (2001). *Astronomía y matemáticas*. En Grube, N. (Org.). *Los mayas: una civilización milenaria* (pp. 130-143). Colonia (Alemania): Könemann.

Para saber mais sobre o/a autor/a...

Jaílson Bonatti

Estudante e Bolsista modalidade I da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil) no curso de Doutorado em Educação na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Licenciado em Ciências Biológicas pela URI.

Membro da Redyala - Rede Latinoamericana de Diálogos Decoloniais e Interculturais, do Grupo de Pesquisa SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina (Unochapecó) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Processos de Educação Superior (NEPPES/URI).

Cláudia Battestin

Possui pós-doutorado em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA).

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente do curso de Mestrado em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Faz parte da Redyala - Rede Latinoamericana de Diálogos Decoloniais e Interculturais e do Grupo de Pesquisa SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina (Unochapecó).

Bonatti, Jaílson; Battestin, Cláudia (2023). As relações sociais e educativas nas sociedades originárias de Abya Yala. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 231-250. ISSN: 2182-018X DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27510>

Como citar este artigo...

Bonatti, Jaílson; Battestin, Cláudia (2023). As relações sociais e educativas nas sociedades originárias de Abya Yala. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 21, 231-250.

DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27510>

¹ V. *infra*, nota 4.

² Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado do primeiro autor, sob orientação da co-autora, e foi financiada pelo programa PROSUC/CAPES modalidade I do Ministério da Educação/Brasil, Código de Financiamento 001, no período de 2019 a 2021.

³ Utilizamos o termo "invasão", assim como vários autores de vertente decolonial, entendendo que, para os povos originários, a chegada dos povos na então "América" foi de muita violência e dominação, considerando-a assim, um ato de opressão.

⁴ A utilização desta expressão motiva o sentido exposto na necessidade de pensarmos os nomes ancestrais, isto é, anteriores à imposição do nome "América Latina". Abya Yala é uma expressão que "[...] na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América." (CHAKARUNA – ABYA YALA SEM FRONTEIRAS, 2009). Por este motivo, não pretendemos negar o nome imposto, mas reforçar as designações orais e grafadas pelos povos originários, que nos últimos anos têm sido utilizadas para confrontar a imposição colonial e histórica da "América Latina". Vale ressaltar que, no decorrer do texto, a utilização do termo "Abya Yala" sempre fará referência à reflexão idealizada no presente desta escrita. No entanto, quando os autores citados fazem alusão aos termos "América Latina", "Mesoamérica" ou "América", optamos por deixar a grafia utilizada por eles, pois entendemos que a interferência crítica nos estudos já publicados não seria válida no momento desta escrita inicial sobre a temática.

⁵ Muitos dos países da Abya Yala preservam os achados arqueológicos que apresentam datação histórica milenar, evidenciando assim, a organização social, política, religiosa e educativa de sistemas considerados altamente complexos pelas características e costumes identificados.